

DIFERENTES EFEITOS DE EXAUSTIVIDADE EM CLIVADAS: UM ESTUDO DESCRITIVO DE CASOS

Mariana TEIXEIRA *
Sergio MENUZZI **

- **RESUMO:** O objetivo do presente artigo é mostrar que há “efeitos de exaustividade” no uso das clivadas que diferem da “identificação por exclusão” – o efeito mais conhecido pela literatura (ATLAS; LEVINSON, 1981; HORN, 1981; KISS, 1998; WEDGWOOD; PETHÓ; CANN; 2006; BÜRING; KRIZ, 2013). Para atingir esse objetivo, apresentamos um estudo descritivo detalhado de casos, por meio do qual verificamos os efeitos contextuais de exemplos encontrados em jornais e revistas da imprensa brasileira. Utilizamos, para isso, modificadores associados pela literatura aos efeitos das clivadas sobre o “conjunto contextual de alternativas” – como “somente” e “e ninguém mais” (ATLAS; LEVINSON, 1981; HORN, 1981), “exatamente” e “precisamente” (MENUZZI; ROISENBERG, 2010a). Nossa conclusão é a de que os “efeitos de exaustividade” envolvem vários tipos de inferências acerca da estrutura do domínio de referentes do discurso e podem modificar essa estrutura de diversos modos. Esse resultado coloca sob nova perspectiva algumas das questões acerca da semântica e da pragmática das clivadas; em particular, a de saber quanto dos “efeitos de exaustividade” tem algum caráter “convencional” (como as pressuposições e as implicaturas generalizadas), e quanto é derivado por inferência pragmática particularizada.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Sentenças clivadas. Efeitos de exaustividade. Identificação por exclusão. Conjunto contextual de alternativas. Inferências pragmáticas.

Introdução

Este artigo apresenta um estudo descritivo sobre “os efeitos de exaustividade” em sentenças clivadas, uma das propriedades semântico-pragmáticas das clivadas que mais tem recebido atenção da literatura (HALVORSEN, 1978; ATLAS; LEVINSON, 1981; HORN, 1981; KISS, 1998; BÜRING, 2010; BÜRING; KRIZ, 2013). Tais efeitos podem ser caracterizados como uma inferência pela qual uma única entidade (ou um único grupo de entidades) satisfaz a predicação expressa pela clivada. Por exemplo, na sentença em (1a) abaixo, a predicação expressa

* UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Porto Alegre – RS – Brasil. 91540-000 – mterrateixeira@gmail.com.

** UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Porto Alegre – RS – Brasil. 91540-000 – smenuzzi@gmail.com.

pela clivada pode ser representada por “x encontrou o João”; (1a), interpretada exaustivamente, é compreendida como (1b), isto é, de (1a) pode-se inferir algo como (1c):

- (1) a. Foi a Maria que encontrou o João.
- b. Foi a Maria, **e ninguém mais**, que encontrou o João.
- c. **Somente** Maria (e ninguém mais) encontrou o João.

Como veremos nas próximas seções, a principal discussão que se encontra na literatura sobre a “inferência de exaustividade” das clivadas diz respeito à natureza dessa inferência – se se trata de uma inferência semântica (um acarretamento) ou pragmática (uma pressuposição, uma implicatura, etc.). Quanto a essa questão, não há consenso. Mas há pouca divergência quanto ao “conteúdo geral” da inferência de exaustividade – normalmente presume-se algo como o expresso em (2b). Isto é, em geral, acredita-se que os efeitos de exaustividade podem ser caracterizados como uma “identificação por exclusão” do referente expresso pelo constituinte clivado – para usar os termos de Kiss (1998). Há discussão sobre como precisamente formular esse efeito (para a definição de Kiss, ver (4), na próxima seção; para a discussão ver Halvorsen (1978), Atlas e Levinson (1981), Buring (2010), Buring e Kriz (2013)); mas não há dúvida, ao menos na literatura precedente, de que os efeitos sobre o termo clivado sejam de “exaustividade” – isto é, envolvem algum tipo de exclusão de alternativas¹.

Nosso objetivo, no presente artigo, é mostrar, a partir do estudo conjunto de casos de clivadas encontrados em textos de jornais e revistas, que tais “efeitos” são mais complexos do que a mera “exclusão de alternativas contextualmente dadas”. Os chamados “efeitos de exaustividade” podem envolver vários tipos de inferências acerca do domínio de referentes do discurso e resultar em vários tipos de modificação de sua estrutura. A nosso ver, isso recoloca algumas questões acerca das clivadas, especialmente: quanto dos “efeitos de exaustividade” devem ser codificados como parte “convencional” das clivadas (por exemplo, como uma pressuposição) e quanto devem ser derivados por cálculo pragmático?

“Exaustividade”: sempre “identificação por exclusão”?

Para Kiss (1998) – um dos trabalhos mais influentes da literatura, especialmente da literatura sintática sobre “foco” –, os efeitos de exaustividade são o que fazem

¹ Há, também, a presunção geral de que a “identificação por exclusão” é resultado da “focalização” do constituinte clivado – isto é, resultado do fato de que esse constituinte é “informação nova contrastiva” nas clivadas (KISS, 1998). Adotaremos essa presunção, já que os exemplos que discutiremos satisfazem todos a essa caracterização – embora seja perfeitamente claro que nem sempre o constituinte clivado é o foco da sentença (PRINCE, 1978; ROISENBERG; MENUZZI, 2008).

o “foco” das clivadas ser diferente do “foco normal”, isto é, o “foco puramente informacional”. Por isso, clivadas normalmente não são adequadas em contextos que pedem foco puramente informacional, como em (2) abaixo, mas apenas quando há a “identificação por exclusão”, como em (3):

- (2) A: Quem Maria encontrou?
B (Maria encontrou) o JOÃO.
B': #Foi o JOÃO (que Maria encontrou).
- (3) A: Quem Maria encontrou, o Paulo ou o João?
B: Foi o JOÃO (que ela encontrou).

Kiss define “foco identificacional” do seguinte modo (KISS, 1998, p.245):

- (4) Foco identificacional é o subconjunto S de um conjunto C de elementos contextualmente dados aos quais o predicado de uma asserção poderia potencialmente se aplicar; S é identificado como o subconjunto exaustivo ao qual o predicado realmente se aplica, excluindo os demais elementos de C.

Com o exemplo abaixo, podemos entender melhor a noção “foco identificacional” de Kiss:

- (5) “Yasser Arafat fez seu mais elevado e difícil gesto quando aceitou a existência de Israel [...] As negociações de paz estão há muito paralisadas, a violência predomina, os Estados Unidos de George W. Bush – única força capaz de arrancar uma solução – nada fazem; e o próprio Arafat colecionou fracassos e torpezas. Mas **foi o seu gesto de grandeza que lhe garantiu um lugar honroso numa história** que tem tantos personagens mais importantes do que ele².”

Em (5), a predicação feita pela clivada corresponde a “x garantiu a Arafat um lugar honroso na história”. Há um conjunto C de alternativas contextuais que poderiam satisfazer essa predicação: “o elevado e difícil gesto” de Arafat, seus “fracassos” e suas “torpezas”. Desse conjunto de candidatos, o subconjunto S identificado exaustivamente pela clivada é “o gesto de grandeza”: do contexto, infere-se que “só” este gesto (o reconhecimento do estado de Israel) satisfaz a predicação “x garantiu a Arafat um lugar honroso na história”; a predicação “não” se aplica aos demais membros do conjunto C – os “fracassos” e as “torpezas” de Arafat. O efeito pode ser diagnosticado pelo uso de advérbios de exclusão, como “somente”, “exclusivamente”, etc., ou pela expressão “e não seus fracassos e torpezas”.

² As ocorrências de clivadas autênticas que discutiremos neste artigo pertencem a um corpus levantado em textos publicados nas versões on-line de jornais e revistas brasileiros em 2004. Forneceremos apenas uma referência abreviada da fonte dessas ocorrências. No caso de (5), a fonte é: “Yasser Arafat, uma era que se acaba”, *Veja*, 10 de novembro de 2004.

Assim, segundo a caracterização de Kiss, pode-se dizer que a “exaustividade” das clivadas é composta de três elementos: (i) a presença de um conjunto contextual de alternativas às quais a predicação da clivada poderia se aplicar; (ii) a identificação de “uma” das alternativas como a única que satisfaz contextualmente a predicação relevante; e, conseqüentemente, (iii) a exclusão das demais alternativas contextuais, isto é, a negação de que a predicação se aplica a tais alternativas. Como veremos, diferentes estudos dos efeitos de exaustividade das clivadas reiteram, em larga medida, essa caracterização, ainda que com nuances (em relação, por exemplo, aos efeitos de pluralidade sobre a exaustividade, conforme notas 4 e 5 abaixo).

Recentemente, Menuzzi e Roisenberg (2010a), investigando diferentes usos das clivadas, observaram que nem sempre os “efeitos de exaustividade” envolvem exclusão de alternativas “contextualmente dadas³”. Nos casos discutidos por Menuzzi e Roisenberg, o contexto não apresenta um conjunto C de alternativas explícito. Considere o exemplo:

- (6) “Diz um provérbio oriental que bambu enverga mas não quebra. A trajetória de vida do atual chefe da Casa Civil [José Dirceu] pode ser considerada a encarnação desta metáfora [...] É um articulador por excelência, elogiado até pelos inimigos, com uma visão única e completa de governo, do conjunto da sociedade e da classe política com quem lida diariamente. [...] Mas **foi (exatamente) diante deste tripé – sociedade, Congresso e governo – que ele viveu seu dia de bambu⁴**”.

No contexto acima, não se trata de identificar um referente que satisfaz a predicação por exclusão a outros candidatos contextuais. O trecho inicial do texto induz o leitor a ter em mente a predicação “José Dirceu viveu seu dia de bambu na situação x”. A seguir, o texto sugere que essa situação “não” seria “diante do tripé sociedade, congresso e governo”. Assim, até o ponto em que a clivada é proferida, o texto deixa indeterminado o referente que satisfaz a predicação, apenas criando a expectativa de que “não” é diante do tripé sociedade, congresso e governo. A clivada encerra o trecho – em contraste com a expectativa criada e, por isso, inesperadamente para o leitor – identificando precisamente o tripé sociedade, congresso e governo como valor de x em “José Dirceu viveu seu dia de bambu diante de x”.

³ Menuzzi e Roisenberg (2010a) partem de uma presumida diferença, em relação aos “efeitos de exaustividade”, entre clivadas “conclusivas” e “não conclusivas”. Os autores utilizam esses termos para opor clivadas que encerram ou não um segmento temático do texto. A constatação inicial de uma diferença foi o ponto de partida do trabalho; mas se revelou infundada; ver Menuzzi e Teixeira (No prelo) para discussão.

⁴ “O Brasileiro do Ano: José Dirceu”, *Isto É*, 15 de dezembro de 2004.

A “ênfase” ou “contraste”, em casos como o do exemplo (6) acima, não parece estar na oposição entre o referente identificado e um conjunto explícito de alternativas; antes, parece estar no fato de que o referente que satisfaz a predicação pertinente é “inesperado” em função das expectativas criadas pelo segmento precedente do texto. Essa identificação de um “referente inesperado” é diagnosticada pelo uso de advérbios como “exatamente”, “precisamente”, etc., que indicam que o referente relevante é “exatamente” aquele que “não” se esperava que fosse. Por essa razão, Menuzzi e Roisenberg (2010a) chamaram esse caso particular de “efeito de exaustividade” de “identificação por exatidão”. Trata-se de um efeito diferente do de “identificação por exclusão”, ilustrado por (5): em (5), pode-se usar advérbios como “somente”, “exclusivamente”, mas não “exatamente”, “precisamente”, etc.; em (6), acontece o contrário.

Por outro lado, é de se observar que, embora “somente” e “exclusivamente” sejam pouco aceitáveis no contexto (6), ainda assim há, em certo sentido, alguma noção de “exclusão” em jogo também nesse exemplo: o contexto é compatível com a expressão “e ninguém mais” – a mesma que utilizamos em (1b,c) acima para explicitar o “efeito de exaustividade” de (1a). Isso indica que modificadores como “somente” e “e ninguém mais” não são totalmente equivalentes e incorporam elementos específicos à noção geral de “exclusão” que a literatura presume ser caracterizada, por exemplo, pelas condições expressas em (4) acima.

Levando-se em conta apenas (5) e (6), poder-se-ia imaginar que “somente” é “anafórico” no sentido de exigir a presença de alternativas contextuais; “e ninguém mais”, por outro lado, parece não exigir tais alternativas, mas apenas que o valor identificado seja único, excluindo a possibilidade de valores alternativos – ainda que não disponíveis contextualmente. Seja qual for exatamente a diferença, o fato é que a noção de “exclusão” expressa por “e ninguém mais” é compatível com (6) acima, mas não a expressa por “somente”; já o contexto em (5), obviamente, é compatível com ambas as noções – mas não, reiteramos, com a noção de exclusão que é expressa por “exatamente”, “precisamente”, etc. Assim, levando-se em conta a noção de “identificação por exclusão” proposta por Kiss, somos obrigados a reconhecer pelo menos um outro “efeito de exaustividade” que não pode ser caracterizado daquele modo: o de “identificação por exatidão”, observado por Menuzzi e Roisenberg (2010a).

Curiosamente, a possibilidade de que os “efeitos de exaustividade” possam ser vários, tanto quanto saibamos, não é discutida explicitamente na literatura: como veremos a seguir, autores que discutiram a noção de “exaustividade” questionaram vários de seus aspectos semântico-pragmáticos, mas não a caracterização geral sintetizada por Kiss (1998). Entretanto, nas próximas seções, apresentaremos um estudo descritivo de casos reais extraídos de jornais e revistas, com os quais procuraremos mostrar que não só encontramos os efeitos de “identificação por

exclusão” e de “identificação por exatidão”, mas também outros, que não são apropriadamente descritos por essas noções. Para finalizar, apresentaremos uma primeira análise informal dos vários casos, tentando identificar o que possuem em comum.

“Exaustividade” em outros estudos sobre clivadas

A literatura sobre as “inferências de exaustividade” das clivadas (ou seu *exhaustivity claim*, segundo Büring (2010)) é, em geral, dirigida a um objetivo: tentar esclarecer a natureza semântico-pragmática dessa inferência – se se trata de um acarretamento, de uma pressuposição, de uma implicatura. Em geral, a literatura pouco discute o conjunto de efeitos potenciais identificados com essas inferências: há uma certa concordância de que podem ser caracterizados com alguma variante da noção de “identificação por exclusão”.

Horn (1981): “exaustividade” como implicatura conversacional generalizada

Por exemplo, Horn (1981) discute a exaustividade nas clivadas, preocupado em compreender a tipologia das inferências semântico-pragmáticas e a relação entre suas propriedades (cancelabilidade, destacabilidade, etc.). Em particular, Horn argumenta contra a análise de Atlas e Levinson (1981), para quem a inferência de exaustividade é um acarretamento das clivadas; para Horn, trata-se de uma inferência pragmática, como proposto por Halvorsen (1978) e como veremos na discussão de (11) e (12) abaixo.

Na análise de Atlas e Levinson, uma clivada como (7a) e sua negação em (7b) teriam a elas relacionadas as inferências em (8), conforme a análise em (9):

- (7) a. *It was a pizza that Mary ate.*
b. *It wasn't a pizza that Mary ate.*
- (8) a. *Mary ate a pizza.*
b. *Mary ate something.*
c. *Mary ate (exactly) one thing.*
- (9) a. (7a) acarreta (8a), mas não vice-versa.
b. (7a) acarreta (8b), e sua negação (7b) “pressupõe” (8b).
c. (7a) acarreta, mas não pressupõe (8c).

Essa análise permite a Atlas; Levinson explicar um dos principais problemas enfrentados pela proposta de Halvorsen, segundo a qual a exaustividade (expressa

em (8c)) é uma pressuposição da clivada em (7a): sendo uma pressuposição, a inferência de exaustividade deveria ser preservada sob negação (ou sob a interrogação, etc.), mas esse não é o caso.

(10) *It wasn't a pizza that Mary ate, it was a sausage sub and spaghetti.*

Tratando (8c) como um acarretamento de (7a), Atlas e Levinson explicam por que a exaustividade, tal como expressa em (8c), “não” é preservada sob a negação, como (10) mostra.

Horn (1981, p.130), por outro lado, comenta que:

[...] [a]inda que a semântica de Halvorsen não possa ser mantida *in toto*⁵, a inferência de exaustividade associada às clivadas de fato atua como algum tipo de implicatura ou pressuposição pragmática no sentido de ser material não controverso, informação velha ou parte do *common ground*, e não material novo, assertado e, por isso, potencialmente controverso.

Se a exaustividade fosse parte da asserção de uma clivada, mas não da sentença “normal” correspondente, a clivada poderia ser utilizada para adicionar a exaustividade à sentença normal. Mas, isso não acontece, conforme exemplifica (11a) abaixo; note-se, em particular, o contraste com (11b), na qual *only* é o elemento que assera a exaustividade:

- (11) a. *#I knew Mary ate a pizza, but I just discovered it wasn't a pizza that she ate.*
b. *I knew Mary ate a pizza, but I just discovered it wasn't only a pizza that she ate.*

Horn conclui que a inferência de exaustividade deve ser uma inferência pragmática – algum tipo de implicatura ou pressuposição que não faz parte do “conteúdo assertado”.

⁵ Atlas e Levinson (1981) e Horn (1981) rejeitam a análise de Halvorsen (1978) justamente em virtude da aceitabilidade de (10). Para Halvorsen, uma clivada da forma “*It was α that Mary ate*” pressuporia não que “*Mary ate only α* ”, mas que “*Mary ate at most n things*”, em que n é a cardinalidade de α . Os efeitos que Halvorsen tenta expressar desse modo têm a ver com os problemas colocados pela pluralidade para a caracterização da exaustividade (ver a nota 6 abaixo para referências). Mas, a proposta de Halvorsen é incompatível com (10): afinal, se o falante de (10) pressupusesse que “*Mary ate most one thing*” (sendo $\alpha =$ “a pizza”, a cardinalidade de α é $n = 1$), ele não afirmaria a seguir que Mary comeu duas coisas – “*a sausage sub and spaghetti*”. A literatura que discute tais problemas interessa-se em caracterizar como a pluralidade afeta a exaustividade, e não em desafiar a ideia de que exaustividade é identificação por exclusão; por essa razão, não discutiremos esses problemas aqui. Uma breve ressalva adicional: para Halvorsen, a inferência em questão não é uma “pressuposição”, mas uma implicatura convencional no sentido de Karttunen e Peters (1979). Horn mostra, entretanto, que essas implicaturas convencionais têm as propriedades tradicionalmente atribuídas às pressuposições.

Quanto às duas possibilidades que considera, Horn sustenta – contrariamente a Halvorsen – que se trata de uma implicatura generalizada, e não de uma pressuposição. Uma das propriedades presumidas das pressuposições é a de que seriam “convencionalmente ligadas à expressão”; desse modo, também seriam “destacáveis”. Uma inferência é “destacável” se “não” é preservada na troca da expressão a que está associada por outra expressão de significado similar. No caso da inferência de exaustividade das clivadas, entretanto, Horn argumenta que é “não destacável”, sendo encontrada com várias construções de focalização contrastiva:

- | | | |
|---------|---|---|
| (12) a. | <i>It was a pizza that Mary ate.</i> | [clivadas] |
| b. | <i>What Mary ate was a pizza.</i> | [pseudoclivadas] |
| c. | <i>The thing that Mary ate was a pizza.</i> | [“ <i>th-clefts</i> ”] |
| d. | <i>A PIZZA Mary ate.</i> | [“ <i>Y-movement</i> ” ou “ <i>focus shift</i> ”] |
| e. | <i>Mary ate A PIZZA.</i> | [foco contrastivo] |

Assim, Horn (1981, p.132) sugere que:

[...] [a inferência de exaustividade] é antes uma implicatura conversacional generalizada, uma suposição pragmática que surge naturalmente (e não convencionalmente) de construções de focalização ou de listagem exaustiva na ausência de um gatilho ou um bloqueio contextual específico.

O “princípio” que expressaria o raciocínio pragmático generalizado em questão seria o seguinte (HORN, 1981, p.132):

- (13) O enunciado no contexto C de qualquer sentença que acarreta $F(a)$ e pressupõe $\exists x F(x)$ induz a uma implicatura conversacional generalizada de que $\sim \exists x [x \neq a \ \& \ F(x)]$, em que x varia sobre as entidades de um conjunto determinado por C.

Para nossos fins, o importante é ressaltar que o “princípio” postulado por Horn incorpora todos os aspectos que caracterizam a “identificação por exclusão”: (i) há um conjunto S “contextualmente determinado” de alternativas; (ii) a “proposição aberta” se aplica a apenas um (subconjunto) dos elementos de S; e (iii) infere-se que todos os demais elementos de S são “excluídos”, isto é, que a proposição aberta é falsa em relação a eles. Portanto, a caracterização que Horn propõe é essencialmente equivalente à de Kiss – salvo que, para Horn, trata-se de uma implicatura conversacional generalizada, e não de um acarretamento.

Wedgwood, Pethő e Cann (2006): “exaustividade” como “pressuposição de unicidade”

Um trabalho mais recente que mantém uma caracterização similar é o de Wedgwood, Pethő e Cann (2006). Esse trabalho compara os usos discursivos das clivadas do inglês com os da construção chamada de “posição de foco” do húngaro por meio de um estudo de ocorrências naturais, isto é, por meio de um estudo de corpus. Grande parte da literatura sobre a construção húngara sustenta que ela codifica o mesmo tipo de “efeito focalizador” que as clivadas do inglês – em particular, ambas as construções estariam convencionalmente associadas à exaustividade, seja como um acarretamento (SZABOLCSI, 1981; KISS, 1998), seja como uma pressuposição (KENESEI, 1986; SZABOLCSI, 1994).

Segundo Szabolcsi (1994), a exaustividade da “posição de foco” húngaro e das clivadas inglesas resultaria de uma “pressuposição de unicidade”. Em sua análise, essa pressuposição é incorporada à semântica de um “operador de exaustividade” subjacente à forma lógica tanto da “posição de foco” húngara quanto das clivadas inglesas. Especificamente, a pressuposição é o conteúdo ao qual se aplica o “operador iota” na fórmula abaixo, que expressa a denotação do operador de exaustividade (semanticamente, uma relação entre indivíduos e predicados) (SZABOLCSI, 1994; WEDGWOOD; PETHŐ; CANN, 2006):

$$(14) \llbracket \text{Op}_{\text{exhaust}} \rrbracket = \lambda z \lambda P [z = \iota x [P(x) \ \& \ \forall y [P(y) \rightarrow y \subseteq x]]]$$

Segundo (14), o operador de exaustividade é uma relação entre indivíduos z e predicados P que leva à verdade se e somente se z é o único x que satisfaz a seguinte condição: P é verdadeiro de x e para todo y , se P é verdadeiro de y , y é igual ou está contido em x ⁶. Com essa semântica para o “operador de exaustividade”, uma clivada seria interpretada como em (15) abaixo (ignoraremos a sintaxe subjacente à análise de Szabolcsi):

$$(15) \llbracket [\text{Foi João que saiu}] \rrbracket = 1 \text{ sse } [\text{João} = \iota x [\text{Saiu}(x) \ \& \ \forall y [\text{Saiu}(y) \rightarrow y \subseteq x]]]$$

De acordo com a análise de Szabolcsi, “Foi João que saiu” é verdadeira se e somente se João é o (único) indivíduo que satisfaz a seguinte condição: é um indivíduo que saiu e, para todo indivíduo y tal que y saiu, y é igual a (ou está contido em) João. Se João não é o único indivíduo que satisfaz essa condição, então a frase “Foi João que saiu” não pode ter seu valor de verdade determinado; isto é, não pode ser usada adequadamente em contextos em que João não satisfaça a

⁶ A condição de que todo y seja igual “ou esteja contido” em x se deve ao fato de que o constituinte clivado pode denotar um indivíduo plural, como em “Foram os rapazes que saíram”. Trata-se de um dos modos de tentar resolver os problemas criados pela pluralidade na caracterização da exaustividade, conforme a nota 5 acima. Ver Büring (2010) e Büring e Kriz (2013) para referência e discussão dos problemas envolvidos.

condição introduzida pelo operador *iota*⁷. É esse o efeito de tomar a condição de exaustividade como uma pressuposição, e não como parte da asserção da clivada. Para ver a diferença, suponha que substituíssemos o operador *iota* por um quantificador existencial:

(16) [[Foi João que saiu]] = 1 sse $\exists x[\text{João} = x \ \& \ \text{Saiu}(x) \ \& \ \forall y [\text{Saiu}(y) \rightarrow y \subseteq x]]$

Por essa semântica, o valor de “Foi João que saiu” é sempre determinável: será verdadeira se João foi o único que saiu; e falsa de outro modo. Isto é, a clivada teria basicamente a mesma semântica que uma sentença modificada por “somente”, e os argumentos de Horn contra a exaustividade como um acarretamento se aplicariam (ver discussão de (11) acima).

Wedgwood, Pethő e Cann (2006) argumentam “contra” a análise em (15) acima para a “posição de foco” húngara, demonstrando que há vários contextos em que a “pressuposição de unicidade” das clivadas inglesas deve ser respeitada, mas nos quais o uso da construção húngara não parece sofrer restrição similar. Segue um exemplo de um desses contextos:

(17) A meccs hóse a mindössze húszéves, hirtelen növése miatt állandó izomproblémákkal küzdő Steve Gerrard volt.

‘The hero of the game was 20-year-old Steve Gerrard, who is continuously suffering from muscle problems because of his sudden growth.’

A 16. percben [harminc méterről] vágta be a labdát Barthez
the 16th minute-in 30 metres-from smashed VM the ball-ACC Barthez
kapujába, igényt formálva az Év gólja címre.
goal-POSS3SG-into claim-ACC forming the year goal-POSS3SG title-for

‘In the 16th minute of the game, he kicked the ball [from 30 metres] right into Barthez’s net, thus claiming the title for the Goal of the Year.’

‘In the 16th minute of the game, # it was from 30 metres that he kicked the ball right into Barthez’s net, thus claiming the title for the Goal of the Year.’

Observe-se que o contexto torna saliente que Steve Gerrard fez algo de especial que o tornou o herói do jogo; mas não há indício, antes da última sentença, de que o que ele fez foi chutar a bola de uma distância *x* diretamente nas redes de Barthez. Portanto, a proposição expressa pela oração clivada “não” é pressuposta. Por isso, em inglês a clivada não se adequa ao contexto – como não é em português. Uma clivada adequada ao contexto acima seria: “Foi aos 16 minutos que Gerrard fez sua jogada de mestre: [...]”. Como a “posição de foco” húngara é uma construção adequada ao contexto, Wedgwood, Pethő e Cann

⁷ Para uma discussão introdutória sobre NPs (ou DPs) pressuposicionais, bem como referências bibliográficas sobre o tópico, ver Heim e Kratzer (1998) e referências lá citadas.

(2006) concluem que a “pressuposição de unicidade” não é uma condição *sine qua non* para seu uso⁸.

Assim, Wedgwood, Pethó e Cann (2006) concluem que a posição de foco húngara é uma construção semanticamente mais subespecificada do que as clivadas, em que o efeito de exaustividade expresso pela “pressuposição de unicidade” pode ser implicado contextualmente; não é um requisito inerente à construção. Mais importante para nós é que os autores também concluem que, diferentemente da posição de foco húngara, as clivadas inglesas são convencionalmente ligadas à “pressuposição de unicidade” tal como expressa em (14) e (15) – em seus próprios termos, as clivadas do inglês “são mais inerentemente pressuposicionais”.

Note-se, agora, que a descrição dos efeitos de exaustividade expressa em (14) incorpora muito do que é descrito por Kiss e Horn – ainda que a natureza da inferência postulada seja, novamente, diferente: como vimos, para Wedgwood, Pethó e Cann (2006), é uma pressuposição, e não um acarretamento ou uma implicatura conversacional generalizada. Considere-se, novamente, o que (15) diz: deve haver (no contexto) um e somente um indivíduo (possivelmente plural) x que satisfaça a proposição “[Saiu(x) & $\forall y$ [Saiu(y) $\rightarrow y \subseteq x$]]”; se essa condição for satisfeita e se João é igual a x , então “Foi João que saiu” é verdadeira; se a condição em questão não for satisfeita, então “Foi João que saiu” não possui um valor de verdade determinável.

De acordo com essa análise, “não há referência explícita a um ‘conjunto de alternativas contextuais’” que inclua João e outros indivíduos. Se houver tal conjunto, então o que a pressuposição exige é que João seja o único que satisfaz a proposição “Saiu(x)” – ou seja, pressupõe-se que “Saiu(x)” é falsa para todas as demais alternativas contextuais. Nesse caso, portanto, (14) é equivalente às propostas de Kiss e de Horn – salvo que se trata de uma pressuposição, e não de um acarretamento ou uma implicatura generalizada.

Por outro lado, se “não” houver um conjunto de alternativas contextuais e apenas João satisfaz “Saiu(x)”, a condição expressa em (15) será satisfeita trivialmente – já que nada há para ser excluído no contexto. Mas, nesse caso, há uma diferença: contrariamente às formulações de Kiss e Horn, (14) se aplicará mesmo a contextos em que “não há um conjunto explícito de alternativas”. Assim, a análise baseada em (14) e em (15) parece, a princípio, ser compatível com o efeito “identificação por exatidão” observado por Menuzzi e Roisenberg (2010a).

⁸ De fato, em português, a sentença seria contextualmente adequada com um mero deslocamento à esquerda: “Aos 16 minutos de jogo, a uma distância de 30 metros, ele deu um chute direto para as redes de Barthez.” Wedgwood, Pethó e Cann (2006) e Wedgwood (2005) desenvolvem uma semântica específica para a “posição de foco” húngara; não entraremos em detalhes porque a análise nada diz a respeito das questões que discutimos aqui.

De fato, se presumirmos que uma das diferenças entre “somente” e “exatamente” é que o primeiro pressupõe um conjunto não vazio de alternativas e o segundo não, a abordagem da “pressuposição de unicidade” parece nos indicar, inclusive, um modo de entender por que apenas “exatamente” é compatível com o contexto (6). Considere o seguinte contraste:

- (18) A: Por que os pais de Maria ficaram tão tristes com o casamento?
B: #Com tantos candidatos maravilhosos, **somente** o Paulo casou com ela.
Com tantos candidatos maravilhosos, **exatamente** o Paulo casou com ela.

Claramente, a inadequação de “somente” no contexto acima se deve ao fato de que o contexto sugere que A sabe com quem Maria casou; não se poderia pressupor que, sabendo disso, A ainda pensasse na possibilidade de Maria ter casado com outros – isto é, que houvesse um “conjunto de alternativas contextuais” a Paulo. Afinal, pela definição jurídica corrente, o casamento de uma pessoa ocorre apenas com uma única outra pessoa.

Na seção seguinte, apresentaremos exemplos de ocorrências naturais de clivadas que demonstram que mesmo a análise em (14) e em (15) não é suficiente para capturar todos os “efeitos de exaustividade” encontrados no português padrão escrito no Brasil.

Diferentes efeitos de exaustividade em clivadas

O que são, mesmo, “identificação por exclusão” e “por exatidão”?

Entre as ocorrências de nosso corpus (ver nota 4 acima), encontramos casos de efeitos de exaustividade como os acima discutidos, isto é, de “identificação por exclusão”, como em (5), e de “identificação por exatidão”, como em (6). Mas, é preciso dizer, especialmente, que casos de identificação por exclusão como em (5) – simultaneamente compatíveis com a exclusão de alternativas contextuais e com “somente” e “e ninguém/nada mais” – não são tão comuns como se poderia esperar. Considere-se o seguinte exemplo:

- (19) Manoel de Oliveira acredita ter livrado seu trabalho do claustro do entretenimento:
Eu sempre procuro tirar de meus filmes o lado espetacular para poder me concentrar no que há de mais humano⁹.
- É sobre a humanidade que acredito que o cinema deva falar.
 - É sobre a humanidade, e não sobre o espetacular, que o cinema deve falar.
 - #É sobre a humanidade, e sobre nada mais, que o cinema deve falar.
 - #É somente sobre a humanidade que o cinema deve falar.

⁹ “Vitalidade”, *Jornal do Brasil*, 3 de novembro de 2004.

Aparentemente, no contexto acima, o que realmente importa é a exclusão “apenas” da alternativa contextual, conforme a adequação de (19b), e não de outras alternativas potenciais, como (19c,d). Especialmente quanto às últimas, há outras alternativas que se poderia dizer que são “subcasos” de “a humanidade” em (19), em que parece ser interpretada em sentido metonímico – parece significar algo como “a humanidade e o que lhe concerne”, o que incluiria, por exemplo, a humanidade e seus dramas, a humanidade e seus desejos, a humanidade e seus tabus, etc. É exatamente porque o falante não gostaria de excluir, no contexto, tais alternativas que o uso de modificadores como “e sobre nada mais” e “somente” é inadequado.

O exemplo (19) nos indica algumas coisas importantes. Em primeiro lugar, é preciso entender como funciona a identificação do “conjunto de alternativas contextuais” nos casos de operadores de exclusão. Por (19c,d), parece que, para “somente” e “e nada mais”, hipônimos da alternativa assertada (“a humanidade e seus dramas”) é hipônimo de “a humanidade e o que lhe concerne”), devem ser alternativas contextualmente relevantes; mas para a clivada, como em (19a), não. Ou seja: se admitirmos que as alternativas pertinentes a operadores como “somente” e “e nada mais” são também “determinadas contextualmente”, abordagens como a de Kiss ou a de Horn não serão suficientes porque não fornecem elementos para sabermos “quais” as alternativas contextuais são relevantes ou não para as clivadas.

Observe-se que, por outro lado, se a generalização correta acerca do exemplo acima for a de que, em certos contextos, não se deve excluir do conjunto de alternativas os “hipônimos” da alternativa assertada, a análise de Wedgwood, Pethó e Cann (2006), expressa por (14) acima, dará conta do caso. Por ela, a alternativa assertada será exaustiva não apenas se for a única (no caso de não haver outras alternativas contextuais que satisfaçam a predicação), mas também se todas as alternativas não excluídas da predicação forem “partes” dela – é isso o que diz a condição “ $\& \forall y [P(y) \rightarrow y \subseteq x]$ ”, em (14) acima.

Ao mesmo tempo e inversamente, deve-se também observar que a proposta de Wedgwood, Pethó e Cann (2006) para as clivadas “não” poderá ser diretamente estendida para a semântica de “somente”, por exemplo: se a única diferença entre as clivadas e “somente” diz respeito ao status do requisito de unicidade – para as clivadas seria uma pressuposição, e para “somente”, parte do conteúdo assertado –, então “somente” deveria ser aceitável em (19)¹⁰.

¹⁰ Uma observação final sobre o exemplo (19): trata-se de um caso em que a asserção feita pela sentença clivada não é, precisamente, “informação nova”; o enunciado apenas reforça o que já fora “implicado” pelo enunciado prévio de Manoel de Oliveira. Portanto, é informação acessível, não indeterminada, no contexto. Isso possivelmente explica a impropriedade do uso de “exatamente”, que é usado em contextos em que há indeterminação acerca de que alternativa satisfaz a predicação – ver discussão do exemplo (6) acima.

Seja como for, a conclusão a que chegamos, com o exemplo (19), é que os casos de “identificação por exclusão” por meio das clivadas podem diferir quanto ao que excluem: quanto a isso, (19) é diferente de (5), por exemplo.

De modo similar, observemos que o caso de “identificação por exatidão” que apresentamos em (6) acima também não é um “tipo geral”: novamente, encontramos ocorrências que, embora satisfazendo um mesmo caráter geral – compatibilidade com “exatamente”, “precisamente”, etc. –, ainda assim apresentam nuances em seus “efeitos de exaustividade”. Por exemplo, no caso de (6) acima, vimos que não há propriamente “identificação por exclusão”: não há um conjunto de alternativas contextuais que sejam excluídas. Além disso, o contexto é incompatível com “somente”, “unicamente”, etc.; mas é compatível com a expressão “e nada mais”. A conclusão é similar à da discussão sobre (19): é preciso que a identificação do “conjunto de alternativas relevantes” seja tal que nos permita explicar a impossibilidade de uso de “somente”, “unicamente”, e ao mesmo tempo a adequação da expressão “e nada mais”.

Agora, considere-se o exemplo em (20) abaixo:

(20) Raras vezes a humanidade presenciou a multiplicação de tantas iniciativas simultâneas em favor da implantação e da consolidação de uma verdadeira cultura de paz. No Brasil, marcado por desigualdades crônicas de renda, [...] a preocupação se amplia sobretudo devido a consequências diretas ou indiretas dessa realidade. [...] Em outras nações, como as que acabam de definir uma trégua no Oriente Médio, as razões são igualmente desafiadoras¹¹. [...]
A incorporação da paz ao cotidiano precisa ser assumida como um compromisso de cada um, todos os dias.

- a) É essa disposição que permitiu o acordo de paz no Oriente Médio.
- b) É exatamente essa disposição que permitiu o acordo de paz no Oriente Médio.
- c) #É somente essa disposição que permitiu o acordo de paz no Oriente Médio.
- d) #É essa disposição, e nada mais, que permitiu o acordo de paz no Oriente Médio.
- e) Sem essa disposição, não teria havido o acordo de paz no Oriente Médio.

Nota-se, em primeiro lugar, que a possibilidade de uso de “exatamente” no contexto sugere que se trata de um caso como (6), de “identificação por exatidão”. De fato, não há um conjunto explícito de alternativas contextualmente relevantes, o que novamente aproxima (20) de (6). Mas, há uma diferença importante: em (20), diferentemente de (6), o efeito de “identificação por exatidão” parece ser incompatível com “todos” os “diagnósticos” de “identificação por exclusão” – não apenas com “somente” e “unicamente”, mas também com “e nada mais”.

¹¹ “Visão solidária”, *Zero Hora*, 9 de fevereiro de 2005.

Intuitivamente falando, parece que o problema em (20) é que as alternativas que o falante “não” deseja excluir da predicação não são apenas os “hipônimos” de “essa disposição”: incluem todas as coisas que, juntamente com a “disposição de incorporar a paz ao cotidiano”, levaram ao acordo de paz no Oriente Médio – a necessidade de resolver problemas sociais no caso das autoridades palestinas, a necessidade dos EUA de se restabelecerem como a liderança estratégica da região, etc. De fato, a clivada em (20) parece ter um papel, no contexto, semelhante a (20e): o que se quer dizer é que, “sem” a “disposição de incorporar a paz ao cotidiano”, todos os demais fatores juntos seriam insuficientes para garantir o acordo de paz.

(20) é um exemplo importante em dois sentidos. Em primeiro lugar, sugere que o “efeito de exaustividade”, quando é de “identificação por exatidão”, pode ser compatível com o que mais parece ser a “inclusão” da alternativa assertada num conjunto de alternativas (em (20), implícito, mas inferível). Isto é, ao menos as clivadas com “identificação por exatidão” podem não envolver exclusão alguma. E, obviamente, coloca-se a questão de entender melhor qual a contribuição tanto da clivada quanto de operadores como “exatamente”.

Em segundo lugar, se a observação correta acerca de (20) for a de que os elementos que “não” devem ser excluídos do conjunto de alternativas “não” são meros “hipônimos” de “a disposição para incorporar a paz ao cotidiano”, então definitivamente estamos diante de um caso que “não” é coberto pela análise de Wedgwood, Pethó e Cann (2006): a clivada em (20) não satisfaz a condição “ $\& \forall y [P(y) \rightarrow y \subseteq x]$ ” de (14).

Os casos discutidos nesta seção parecem indicar que as noções de “identificação” e/ou “exaustividade” pertinentes ao uso das clivadas, embora tenham relação com noções como “exclusão” e “exatidão” diagnosticadas por modificadores como “somente” e “exatamente”, não podem ser reduzidas a nenhuma delas, nem são uma mera disjunção de ambas (como foi sugerido por Menuzzi e Roisenberg 2010a). De fato, parece que as noções de “exaustividade” ou “identificação” expressas pelas clivadas têm colaboração direta de fatores contextuais ainda não investigados satisfatoriamente, fatores que são seletivamente afetados por modificadores como “somente”, “exatamente”, etc. Além do mais, parece certo também que tais fatores estão diretamente relacionados com a constituição contextual do “conjunto de alternativas” pertinente ao “efeito de exclusão/identificação” obtido contextualmente pela clivada. Os casos que discutiremos nas próximas seções confirmam essa conclusão.

Estrutura contextual dos referentes e o conjunto de alternativas, 1

Considere-se o seguinte caso:

(21) “[...] *O Quinto Império* é seu 37º [filme de Manoel de Oliveira] e lhe rendeu um prêmio especial pelo conjunto da obra no último Festival de Veneza, em setembro. Antes, fez dois filmes que permanecem inéditos no circuito carioca: *O Princípio da Incerteza* (2002), que talvez seja sua obra-prima, e *Filme Falado* (2003). Segundo Manoel, as histórias dessas fitas são impulsionadas pela curiosidade”¹²:

— É a dúvida que me norteia. Ela é um estímulo porque não tenho certeza de nada, só de que duvido.

- a) #É exatamente a dúvida que me norteia.
- b) É, mais exatamente, a dúvida que me norteia.
- c) #É a dúvida, e não a curiosidade, que me norteia.
- d) #É somente a dúvida que me norteia.
- e) #É a dúvida, e nada mais, que me norteia.

Numa primeira aproximação, parece tratar-se de um caso de “identificação por exatidão”: não é compatível com operadores de exclusão, mas é compatível com algo próximo a “exatamente” – embora não exatamente “exatamente”. A alternativa assertada, “a dúvida”, possui um “termo de comparação” no contexto, que é o que parece justificar o uso da clivada – “a curiosidade”¹³. Mas, a relação entre “a curiosidade” e “a dúvida” claramente não é a de “alternativas entre si”. Antes, novamente temos de algum tipo de relação lexical, neste caso provavelmente de “metonímia”, entre os dois termos comparados: a “curiosidade” significa algo como “o desejo de saber algo”; e a dúvida sobre alguma coisa é, evidentemente, uma das possíveis razões pelas quais desejamos saber algo sobre aquela coisa. Isto é, a dúvida pode ser uma “fonte ou causa” da curiosidade. Portanto, a primeira conclusão: ao “opor” “dúvida” a “curiosidade” em (21), o

¹² “Vitalidade”, *Jornal do Brasil*, 3 de novembro de 2004.

¹³ Aqui se coloca uma questão empírica e, também, de método: a clivada é uma sentença reportada em discurso direto, precedida de uma sentença que não é do mesmo falante – mas de quem reporta a fala do falante. A questão é: estamos autorizados a interpretar o enunciado que contém a clivada como “constituindo um discurso ‘coeso’ – sujeito às mesmas leis de coerência e fluxo de informação, etc. – com a sentença reportiva que o precede? Nesse contexto, suporemos que sim, com base em três fatos: (a) intuitivamente, o leitor sente que “a dúvida” de fato tem relação com “a curiosidade”; (b) como veremos na discussão a seguir, o uso de “mais exatamente” de fato se esclarece por meio desta relação; e (c) finalmente, se a sentença reportiva não tivesse o “termo de comparação” para estabelecer a relação com a clivada, a aceitabilidade do enunciado reportado degradaria sensivelmente, e o uso de “mais exatamente” *se tornaria desconexo*:

[...] Segundo Manoel, as histórias dessas fitas são impulsionadas por seu humanismo/sua indignação com a sociedade moderna/etc.:

- a) – # É a dúvida que me norteia. Ela é um estímulo porque não tenho certeza de nada...
- b) – # É, mais exatamente, a dúvida que me norteia. Ela é um estímulo porque ...

Esse tipo de exemplo coloca questões interessantes sobre a natureza das relações entre enunciados reportivos e reportados quando unidos em um texto. Mas, não discutiremos tais questões neste trabalho.

objetivo do texto não é “excluir” o “termo de comparação”, mas antes precisar melhor porque a curiosidade motiva o cineasta: ela o motiva porque é causada pela dúvida.

Observe-se: em (21), não apenas o termo assertado (“a dúvida”), mas “também” o termo de comparação (“a curiosidade”) satisfaz a predicação da clivada (“x me norteia”); e a relação de metonímia entre ambos delimita, por meio do termo assertado (“a dúvida”), o modo como o termo de comparação (“a curiosidade”) satisfaz a predicação. Nessas circunstâncias, não parece adequado dizer que se trata de “identificar (por exatidão) o que fora deixado indeterminado” pelo contexto precedente. (Ver, especialmente, a discussão do exemplo (6), bem como a nota 9.) Antes, trata-se de “‘precisar mais’ o que já havia sido parcialmente identificado”.

Possivelmente porque a função da clivada, no trecho, “é precisar que elemento, dentro do conjunto das causas/fontes da curiosidade”, norteia o cineasta, “não há exclusão de outras possíveis ‘fontes de motivação’ que estejam ‘no mesmo nível’ da curiosidade” – isto é, que “estejam em relação de alternativa” à curiosidade. Com efeito, parece compatível com o discurso em (21) que não apenas a curiosidade – por meio da dúvida – seja uma das motivações que norteiam o trabalho de Manoel de Oliveira, mas também, por exemplo, o desejo de compartilhar suas dúvidas; de levar sua audiência a refletir sobre elas, etc.

Portanto, não há um efeito de exclusão no conjunto de alternativas ao qual “curiosidade” pertence a (21). Na verdade, detecta-se um “efeito de exaustividade” ou de “exclusão” em (21) “no domínio das fontes/causas de curiosidade” – isto é, no domínio de alternativas a “dúvida” – que é um conjunto “inexplícito” em (21). Assim, em (21) pode-se inferir que é a dúvida e não, por exemplo, um desejo de conhecer a intimidade sexual dos indivíduos, ou de obter o prazer com o que é inusitado, etc., que causa a curiosidade de Manoel de Oliveira e, portanto, que o norteia. Isto é, a clivada parece ser usada para sugerir que é a “dúvida”, “e não alguma outra fonte/causa de curiosidade”, que orienta o cineasta.

O exemplo (21) é um caso importante porque revela a complexidade do “cálculo” envolvido nos chamados “efeitos de exaustividade”. Em particular, é um caso em que é preciso distinguir pelo menos dois conjuntos de alternativas pertinentes – que nos casos mais típicos talvez não precisem ser distinguidos. Há o conjunto de “termos de comparação” com relação ao qual o elemento clivado é “focalizado”, isto é, o termo contextual que justifica a focalização do termo clivado. Em (21), esse conjunto parece ser constituído por “curiosidade” e suas alternativas (que podem, juntamente com a curiosidade, orientar Manoel de Oliveira). Mas, há outro conjunto, mais relevante para os efeitos da clivada e não necessariamente coincidente com o primeiro: é o “conjunto de alternativas” ao qual o termo clivado pertence e de cujos termos é preciso verificar se a predicação da clivada se aplica ou não – isto é, o conjunto para o qual se deve calcular os efeitos de exaustividade.

Esse conjunto, no contexto acima, é “evocado por curiosidade” e sua relação metonímica com “dúvida”, e inclui as fontes/causas da curiosidade.

Mais genericamente: o “conjunto de alternativas” pertinente aos “efeitos de exaustividade” pode ser evocado por relações lexicais que são fornecidas contextualmente e que parecem estruturar o domínio de referentes do discurso. Essa conclusão não chega a surpreender: em nossa discussão dos exemplos anteriores, já havíamos visto que as relações de metonímia e de hiponímia são pertinentes – não por acaso, as últimas têm sido importantes na formulação das várias abordagens (ver as notas 5 e 6 acima, para questões relacionadas), embora a relevância dos processos de metonímia, em particular, não tenha sido apontada.

Além disso, é preciso dizer, neste ponto, que parece que estamos diante de dois processos distintos envolvidos na interpretação de clivadas e de operadores como “somente”, “exatamente”, etc. Um deles é a identificação do conjunto de alternativas relevantes: ele não é simplesmente “contextualmente dado”, como se sugere de modo vago na literatura. (Isso se aplica à teoria de Horn (1981), de Rooth (1992) e a de Kiss (1998), por exemplo.) Antes, parece resultar de algum processo inferencial que tem base numa estrutura contextual dos referentes do discurso bastante articulada, envolvendo relações de hiponímia, metonímia e possivelmente outras. Os exemplos que discutimos até aqui e os que virão a seguir mostrarão isso de modo muito claro.

O segundo processo – que parece ser o mais diretamente ligado à semântica da clivada e de “somente”, “exatamente”, etc. – é precisamente o “efeito” (de exaustividade?) que tais construções e operadores executam no domínio de alternativas identificado. O exemplo em (21) parece confirmar que, no caso da clivada, trata-se de um “efeito de exaustividade” – neste caso, de “identificação por exclusão”. Mas, exemplos como (20) acima parecem levantar dúvida sobre essa conclusão; ver também a discussão do exemplo (23), na seção abaixo¹⁴.

Estrutura contextual dos referentes e o conjunto de alternativas, 2

Na presente seção, discutiremos um exemplo que confirma a importância das relações lexicais, bem como a necessidade de distinguir o conjunto de termos que “justifica a focalização” e o conjunto de alternativas relevantes para

¹⁴ Apenas para registro: a possibilidade de uso do modificador “mais precisamente” em (21) sugere que a clivada, nesse contexto, é utilizada com função similar à da conhecida “negação metalinguística”, discutida por Horn (1985). De fato, “mais precisamente” poderia ser substituído, no mesmo contexto, por “melhor dizendo” – uma expressão que explicita nitidamente o caráter de “correção do como se diz” que tem a clivada. Outros exemplos que discutiremos abaixo têm o mesmo *feeling*, mas não poderemos explorar essas conexões neste trabalho.

o “efeito de exaustividade”. Como veremos, trata-se de um caso ainda mais surpreendente. Segue:

(22) “A Ancinav é um desejo comum. Todo mundo quer uma Agência Nacional do Cinema e do Audiovisual. Só que há inúmeras lendas em torno dela. Uma é que ela é uma idéia que partiu de nossa classe [dos cineastas brasileiros]. [...] A classe reivindicava, sim, a criação de um organismo específico para o cinema ligado à Presidência da República. [...] Quando se formou o Grupo Executivo da Indústria Cinematográfica [...] para discutir a criação desse organismo, chegou-se à conclusão de que deveria ser uma agência nacional de cinema e trabalhou-se essa ideia. **Foi o ministro das Comunicações Pimenta da Veiga quem levantou e falou:** “Por que não fazer uma agência abrangente que pegue cinema e televisão, para fazer logo o casamento entre essas mídias?” Nós, do cinema, [...] dissemos: “Olha! É muita areia pro nosso caminhão.” Mas, não adiantou”¹⁵.

- a) Mas foi o ministro Pimenta da Veiga que levantou e falou: ...
- b) #(Mas) Foi o ministro Pimenta da Veiga, e não a classe dos cineastas, que levantou e falou: ...
- c) (Mas) Foi o ministro Pimenta da Veiga, e não um dos cineastas, que falou: ...
- d) #(Mas) Foi somente o ministro Pimenta da Veiga que falou: ...
- e) (Mas foi o Governo, e não a classe dos cineastas, que teve a ideia de criar a Ancinav:) Foi ministro Pimenta da Veiga que levantou e falou: ...
- f) (Mas foi somente o governo que teve a ideia de criar a Ancinav:) Foi ministro Pimenta da Veiga que levantou e falou: ...

A primeira observação importante acerca da clivada em (22) é que ela, de fato, envolve um “contraste” entre o termo clivado e algum outro termo de comparação, que deve ser identificável pelo contexto: isso é diagnosticado pela possibilidade de uso do nexos “mas”, como indicado em (22a) (MENUZZI; ROISENBERG, 2010b). Evidentemente, no caso típico, esse termo de comparação deveria, juntamente com o termo focalizado “o ministro Pimenta da Veiga”, constituir o conjunto de alternativas no qual se realiza a operação de “identificação por exclusão”. Mas, que termo é esse?

O candidato mais imediato seria “a classe dos cineastas”, já que é o outro termo saliente, “tópico”, do trecho. Mas, observe-se a infelicidade pragmática do enunciado em (22b) – em que se procura focalizar “o ministro” e excluir explicitamente “a classe dos cineastas”: isso parece mostrar que “a classe de cineastas” não é um termo apropriado para pertencer ao conjunto de alternativas correspondentes ao “ministro Pimenta da Veiga”. Por analogia com o exemplo (21), poderíamos dizer: “a classe dos cineastas” pode ser o termo de comparação que “motiva a focalização” de “o ministro Pimenta da Veiga”; mas não é uma das

¹⁵ “DVD dá mais lucro”, *Jornal do Brasil*, 17 de novembro de 2004.

alternativas do conjunto no domínio do qual “o ministro Pimenta da Veiga” aciona o “efeito de exaustividade”.

(22c) mostra que uma alternativa relevante poderia ser “um dos cineastas”, um hipônimo de “a classe dos cineastas”. Isso faz sentido: “a classe dos cineastas” é o termo que justifica a focalização de “o ministro” porque determina o conjunto de indivíduos que participaram das reuniões de que o ministro participou; e o texto afirma que é o ministro, e não algum destes indivíduos, que sugeriu a ideia de que a Ancinav fosse criada desse ou daquele modo.

Nessa interpretação, o “efeito de exaustividade” que justificaria a clivagem de “o ministro Pimenta da Veiga” seria o de identificar (por exclusão) o ministro como o único, presente nas reuniões entre governo, cineastas, etc., a fazer a proposta discutida. Mas, a estranheza de (22d), a uma primeira leitura, sugere que esta não é a interpretação mais adequada do texto: “somente” aplicado “ao ministro” sugere que a proposta é somente do ministro; com isso, o enunciado significaria, aproximadamente, algo como “Mas foi o ministro, ‘pessoalmente, enquanto indivíduo’ – e não enquanto representante do governo – que levantou e falou...”

(22e) indica que há outra leitura do texto – possivelmente, mais apropriada – em que a clivada “Foi o ministro etc.” é apenas o evento concreto pelo qual se revelou a ideia que algum grupo político diferente da classe dos cineastas – digamos, o governo – tinha em relação à Ancinav. Crucialmente, o ministro, nessa leitura, está em relação de “hiponímia” (ou metonímia?) com esse outro grupo, isto é, o governo. Em outros termos, pode-se dizer que a clivada “Foi o ministro que...” tem o papel de evocar, na verdade, o “hiperônimo” do ministro, o governo, e, assim, também implicar qual é a predicação realmente relevante para o “efeito de exaustividade” no contexto – “x teve a ideia de criar a Ancinav (como ela é)”.

(22f) parece confirmar essa interpretação: mostra que “o governo”, sim, seria um termo próprio para ser uma alternativa contextual à “classe dos cineastas”. Mais que isso, mostra que seria um termo próprio com relação ao qual faria sentido, no contexto, a “identificação por exclusão” – o que é demonstrado pela aceitabilidade de “somente”. E mostra ainda que a predicação relevante é, na verdade, “x teve a ideia de criar a Ancinav (como ela é)”. De fato, essa era a “*question under discussion*” do trecho, como o início do texto deixa claro.

Em resumo: a sentença “Foi o ministro Pimenta da Veiga que...” pode ser interpretada como uma clivada em que há “identificação por exclusão” em (22) – de fato, provavelmente essa é a melhor interpretação contextual para ela. Mas, esse efeito é “indiretamente” obtido pelo enunciado. Na interpretação em que esse efeito emerge claramente, o papel da clivada é “evocar” uma outra predicação – a que foi exposta, no começo do texto, como a questão em discussão: “quem (isto é, que x) teve a ideia de criar a Ancinav (como ela é)”. Nessa interpretação, a

clivada também evoca um conjunto de alternativas que não é o que diz respeito, diretamente, ao ministro Pimenta da Veiga – que é o constituinte clivado. A predicação implícita deve ser avaliada em relação a este outro conjunto de alternativas. Explicitamente, o resultado seria (22f) – um enunciado totalmente coerente no contexto.

Não pretendemos discutir todas as ramificações dessa análise. Mas, aponta-se uma conclusão teórica que parece inevitável diante da possibilidade de (22) ter a leitura que acima apresentamos: “os chamados efeitos de exaustividade, mesmo nos casos presumivelmente mais básicos de ‘identificação por exclusão’, podem envolver um cálculo inferencial complexo a partir das informações contextuais, tanto relativas à estrutura do domínio de referentes quanto à predicação relevante para ‘o efeito de exaustividade’. Nesse sentido, a “identificação por exclusão” pode resultar de operações que “se inferem” a partir da clivada proferida, e não que resultam diretamente de sua semântica composicional.

A estrutura do conjunto de alternativas

Em todos os casos analisados até agora, o conjunto de alternativas sobre o qual o “efeito de exaustividade” é definido é um conjunto “não estruturado”: não há relação alguma entre as alternativas exceto a de pertencerem, potencialmente, ao conjunto de coisas que satisfazem a predicação da clivada (por exemplo, “x teve a ideia de criar a Ancinav” em (22f)). Sobre esse conjunto não estruturado de alternativas, a asserção feita pela clivada opera alguma modificação: tipicamente exclui as alternativas não assertadas pela clivada, embora a interação com a estrutura de referentes contextuais possa ser mais complexa – até mesmo levando, em alguns casos, à “inclusão” de uma alternativa no conjunto relevante (como em (20)).

Nos casos previamente discutidos, como dissemos, parece não ser relevante atribuir alguma estrutura interna ao conjunto de alternativas. Considera-se, então, o seguinte exemplo, aparentemente simples, de “identificação por exclusão”¹⁶:

- (23) O artista que se desdobrava em engenheiro era uma figura comum na Renascença. O que era e é incomum, quase milagroso, é ter todos esses talentos na intensidade em que Da Vinci os tinha. Embora tivesse uma assombrosa habilidade matemática, diz-se que Leonardo não criou algo que se pudesse chamar de “teorema de Leonardo”¹⁷ [...]

¹⁶ No texto abaixo, a oração clivada foi adaptada para revelar mais claramente o efeito que nos interessa. No texto original, a clivada é: “É na arte de Leonardo que se combinam de maneira definitiva sua imaginação e seu poder de desvendar e retratar o mundo”. Nessa versão, o modificador “de maneira definitiva” tende a obscurecer o caráter gradual da predicação da clivada e a correspondente ordenação que impõe aos termos que a satisfazem.

¹⁷ “A modernidade de Leonardo da Vinci”, *Veja*, 27 de outubro de 2004.

- a) É na arte de Leonardo que se percebe mais claramente o modo como se combinam sua imaginação e seu poder de retratar o mundo. [...]
- b) É na arte de Leonardo, e não em sua ciência, que se percebe mais claramente o modo como se combinam sua imaginação e seu poder de retratar o mundo. [...]
- c) #É somente na arte de Leonardo que se percebe mais claramente o modo como se combinam sua imaginação e seu poder de retratar o mundo. [...]
- d) É mais claramente na arte do que na ciência de Leonardo que se percebe o modo como se combinam sua imaginação e seu poder de retratar o mundo. [...]

Numa primeira leitura, o texto parece simples: trata-se de opor a arte de Leonardo da Vinci à sua ciência; e a “questão sob discussão” é qual das duas mais revela o modo como se combinam a imaginação e o poder de descrição de Leonardo. À primeira vista, parece que o significado da clivada (23a) é: é a arte de Leonardo que mais revela etc. Por efeito de exclusão, não é a ciência de Leonardo que mais revela etc. Essa primeira interpretação da clivada em (23a) parece, inclusive, permanecer em (23b), que pareceria “excluir” a ciência de Leonardo das alternativas que satisfazem a predicação “em x mais se percebe...”.

Mas, (23c) indica que há algo de errado com esse modo de analisar em (23a) – de analisá-la como contendo, simplesmente, a exclusão da alternativa “a ciência de Leonardo” do conjunto de alternativas das quais é verdadeiro dizer que “em x se percebe mais claramente como se combinam a imaginação e o poder de descrição de Leonardo”. A observação fundamental é a seguinte: o uso de “somente” em (23c) “parece implicar que, na ciência de Leonardo, não se perceberia claramente” como se combinam a imaginação e o poder de descrição de Leonardo. Mas, isso não parece ser o mesmo que se diz em (23a) ou (23b). Nessas duas últimas, não há a implicação de que não se perceba bem a combinação “também” na ciência de Leonardo. De fato, (23a) e (23b) poderiam ser parafraçadas por algo como (23d) – que, crucialmente, também não carrega a implicação que “somente” aciona em (23c).

O que (23d) parece sugerir acerca de (23a) e (23b) é o seguinte: a predicação que define o conjunto de alternativas no qual se dá o “efeito de exaustividade” em (23a) e em (23b) não divide esse conjunto entre alternativas que a satisfazem e alternativas que não a satisfazem. Mais concretamente: a oração clivada em (23a) e (23b) não divide o conjunto de alternativas entre aquelas em que se percebe mais claramente e aquelas em que “não” se percebe mais claramente como se combinam a imaginação e o poder de descrição de Leonardo. Antes, “mais claramente” tem o efeito de “ordenar o conjunto de alternativas” em relação “ao quanto” nelas se percebe a combinação da imaginação e do poder de descrição de Leonardo. Isto é:

- (i) a predicação pertinente em (23) parece ser “em x se percebe como se combinam a imaginação e o poder de descrição de Leonardo”; e
- (ii) o efeito composicional da clivada com o modificador “mais claramente” parece ser o de ordenar o conjunto de alternativas em relação ao grau com que satisfazem essa predicação;

Por essa linha de análise, pode-se vislumbrar uma explicação para o fato de que (23d), mas não (23c), seja uma paráfrase mais próxima de (23a,b).

Importa enfatizar uma consequência dessa descrição: se ela estiver correta, ou próxima disso, então somos obrigados a abandonar a ideia de que os “efeitos de exaustividade” envolvam, “necessariamente”, a identificação de uma alternativa, ou de um subconjunto de alternativas, para as quais a predicação se aplica, implicando ou pressupondo com isso a “exclusão” de outras alternativas. No caso de (23), trata-se antes de “ordenar o conjunto de alternativas em relação ao grau em que satisfazem a predicação” – portanto, não há exclusão de alternativas, mas ordenamento e comparação delas.

Síntese e conclusões

A fim de ver melhor o que os vários casos particulares discutidos sugerem, fazemos a seguir uma representação esquemática deles. O que procuramos representar, nos esquemas, é a estrutura dos referentes do discurso no momento em que antecede a clivada, e a estrutura resultante do “efeito de exaustividade”. Os esquemas são compostos do seguinte modo:

- (i) os círculos indicam “conjuntos de alternativas” definidos pelos termos, sendo considerados como possíveis valores para a predicação da clivada (ou subconjuntos desses);
- (ii) termos no interior desses conjuntos são as alternativas que os constituem;
- (iii) reticências indicam alternativas implícitas, não diretamente manifestas no contexto;
- (iv) em cada gráfico, o esquema à esquerda indica a situação da estrutura relevante de referentes no momento em que a clivada é proferida; e o esquema à direita indica o resultado, o “efeito de exaustividade”, da clivada sobre essa estrutura;
- (v) termos “riscados” em um conjunto são termos considerados, mas excluídos, contextualmente (seja no momento que precede ou que segue a clivada).

Apresentamos a seguir os esquemas¹⁸ na ordem de apresentação dos exemplos discutidos:

¹⁸ Todos os esquemas são de elaboração própria.

Esquema 1 – Exemplo (5):
“identificação por exclusão”



Esquema 2 – Exemplo (6):
“identificação por exatidão”



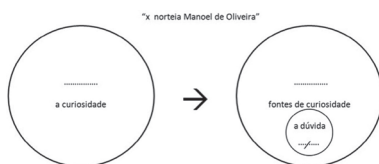
Esquema 3 – Exemplo (19):
“identificação por exclusão, mas não de todas as alternativas potenciais”



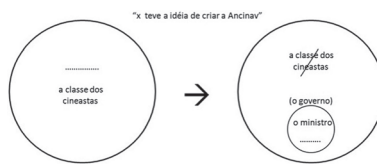
Esquema 4 – Exemplo (20):
“identificação por exatidão, sem exclusão de alternativas potenciais”



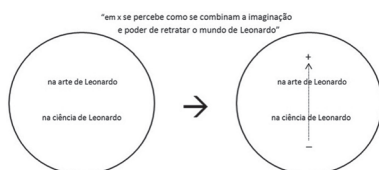
Esquema 5 – Exemplo (21):
“identificação, por “maior exatidão”, de hipônimo e exclusão de hipônimos”



Esquema 6 – Exemplo (22):
“identificação por exclusão por evocação de hiperônimo a partir de hipônimo”



Esquema 7 – Exemplo (23):
“identificação por meio de ordenação e comparação de alternativas”



Os esquemas referem-se apenas a alguns dos exemplos que encontramos de clivadas em textos reais da língua portuguesa. Poderíamos adicionar outros casos, com efeitos ainda assim diferentes. Admitindo que nossa descrição dos fatos é adequada para pelo menos uma das leituras dos textos, o quadro geral parece indicar o seguinte:

- (i) O termo “efeitos de exaustividade” é impróprio para caracterizar o conjunto de efeitos contextuais acionados pela focalização do termo clivado. Nos exemplos acima, são poucos os casos em que o efeito se restringe a “delimitar exaustivamente” o domínio de aplicação da predicação da clivada. Em sentido estrito, isso só parece acontecer no exemplo do esquema 1.
- (ii) Mesmo o termo “exclusão” (do conjunto de alternativas que satisfazem a predicação) também parece impróprio como elemento constante dos “efeitos de exaustividade”. Embora a maioria dos casos de fato envolva algum tipo de exclusão (exemplos dos esquemas 1, 2, 3, 5 e 6), há pelo menos dois em que isso parece não acontecer (exemplos dos esquemas 4 e 7).
- (iii) Em todos os casos, há a “identificação” de pelo menos um valor que satisfaz a predicação da clivada. Mais especificamente: em todos os casos, a clivada pressupõe que (pelo menos) uma coisa satisfaz a predicação, e assera que entre as coisas que a satisfazem está a denotação do termo clivado. Às vezes, infere-se a exclusão de quaisquer outros valores; às vezes, de apenas alguns dos valores; às vezes, não se infere exclusão alguma; e às vezes infere-se a “inclusão” de um valor num conjunto de alternativas.
- (iv) O outro elemento constante dos esquemas é que, em todos, a clivada é asserada num contexto em que não apenas o conteúdo da oração clivada é pressuposto (sob quantificação existencial, no mínimo); também há pressuposições ou expectativas acerca dos valores que satisfazem a predicação da clivada – isto é, acerca do conjunto de alternativas. E a asserção da clivada, “em todos os casos”, modifica tais expectativas – de um modo ou de outro.
- (v) De fato, pode-se dizer que, em todos os casos, o termo clivado é “anafórico” no sentido de ter sido previamente introduzido no discurso, ou ser inferível (por estar, por exemplo, relacionado por metonímia com um referente introduzido, como “a dúvida” no esquema 5)¹⁹. Além disso, em geral, o termo havia sido introduzido “em conexão com a questão do que satisfaz ou não a predicação da clivada” (a exceção é, talvez, o exemplo do esquema 4).

É verdade que frequentemente o efeito da clivada sobre a estrutura de referentes do discurso é o de restringir, de algum modo, o conjunto de alternativas à que a predicação da clivada se aplica. Mas, isso nem sempre acontece. Uma

¹⁹ A observação de que o termo clivado, quando focalizado, tende a ser anafórico não é nova, evidentemente; veja-se, por exemplo, Givón (1992) e (1993) para discussão.

melhor caracterização geral para os “efeitos de exaustividade” das clivadas parece ser a seguinte:

- são “operações de correção” da estrutura R dos referentes do discurso, no que concerne às expectativas E do contexto. Expectativas que dizem respeito a quais referentes satisfazem a predicação expressa pela clivada;
- a operação de correção é “implícada” por meio da asserção da clivada – em que há a identificação de um dos valores que satisfazem a predicação;
- a operação de correção específica obtida em R deve ser “calculada pragmaticamente” a partir da estrutura de R e das expectativas E.

Possivelmente essa caracterização é fraca demais. Por exemplo, pode-se manter que a clivada porta, no mínimo, uma pressuposição de existência. Isso nos sugere que uma análise dos efeitos que descrevemos poderia ser obtida por algum “enfraquecimento” da proposta de Horn em (13) acerca da inferência obtida, acompanhada de um refinamento do que ele entende pelo “conjunto de entidades determinado pelo contexto C”. Seria preciso ainda determinar se se trata de uma implicatura conversacional generalizada, como quer Horn, ou algum outro tipo de inferência. Mas, não tentaremos explorar essa possibilidade, nem outra qualquer. Nosso objetivo, mais modesto, era mostrar que os “efeitos de exaustividade” envolvem tipos diferentes de efeitos sobre uma estrutura de referentes contextualmente articulada, que interage com vários tipos de informações e expectativas contextuais.

Além das questões já mencionadas, outras evidentemente surgem: (i) Qual, precisamente, a semântica/pragmática de expressões como “somente”, “e nada mais”, “exatamente”, “mais exatamente”, etc.? Exatamente que tipo de efeitos decorrem de sua semântica, que efeitos são inferências pragmáticas? (ii) Pode-se manter a tese, incorporada à proposta de Horn, de que o principal elemento caracterizador das clivadas – além da asserção de identidade expressa pela cópula – é uma simples “pressuposição de existência”? Isto é, é possível dispensar com caracterizações mais fortes, como a proposta de que a pressuposição é de “unicidade”, conforme visto em Szabolcsi (1994) e Wedgwood, Pethő e Cann (2006)? Essas e as demais questões que mencionamos antes são algumas das que pretendemos enfrentar nos próximos trabalhos.

Agradecimentos

Agradecemos às audiências do X Encontro do CELSUL (outubro de 2012, Cascavel PR), e do Seminário de Teoria e Análise Linguística (PPGL/UFRGS, maio de 2013) pelo *feedback* a versões preliminares deste trabalho. Qualquer problema remanescente é de nossa inteira responsabilidade. A primeira

autora, Mariana Teixeira. deve sua participação no trabalho a uma bolsa do programa PIBIC/UFRGS-CNPq (período de março de 2012 a março de 2013); e o segundo autor, Sergio Menuzzi, à bolsa de produtividade do CNPq (Processo nº 311160/2010-7).

TEIXEIRA, M.; MENUZZI, S. Different exhaustivity effects in clefts: a descriptive study of cases. **Alfa**, São Paulo, v.59, n.1, p.59-87, 2015.

- **ABSTRACT:** *In this article, we show that cleft sentences may have 'exhaustiveness effects' quite different from the 'identification by exclusion' – which is the effect usually discussed by the literature (ATLAS; LEVINSON, 1981; HORN, 1981; KISS, 1998; WEDGWOOD; PETHŐ ; CANN, 2006; BÜRING; KRIZ, 2013). To show this, we present a detailed study of cases in which we test the contextual effects triggered by clefts found in Brazilian magazines and newspapers. Our testing tools are modifiers that the literature associates with exhaustiveness, such as 'only' and 'and nobody else' (ATLAS; LEVINSON, 1981; HORN, 1981), and 'exactly' and 'precisely' (MENUZZI; ROISENBERG, 2010a). On the basis of such tests, we conclude that 'exhaustiveness effects' involve various types of inferences about the structure of the domain of the discourse referents, and may modify such a structure in many different ways. We believe this result puts into a new perspective many of the questions about the semantics and the pragmatics of clefts, in particular whether 'exhaustiveness effects' are conventionalized pragmatic inferences (such as a presupposition, or a generalized implicature), or particularized implicatures.*
- **KEYWORDS:** *Cleft sentences. Exhaustiveness effects. Identification by exclusion. Contextual set of alternatives. Pragmatic inferences.*

REFERÊNCIAS

ATLAS, J.; LEVINSON, S. *It*-clefts, informativeness, and logical form: radical pragmatics. In: COLE, P. (Ed.). **Radical Pragmatics**. Nova Iorque: Academic, 1981. p.1-61.

BÜRING, D. **Conditional exhaustivity presuppositions in clefts (and definites)**. Berlim, 2010. Trabalho manuscrito.

BÜRING, D.; KRIZ, M. It's that, and that's it! Exhaustivity and homogeneity presuppositions in clefts (and definites). **Semantics & Pragmatics**, [s.l.], v.6, n.6, p.1-29, 2013. Disponível em: <<http://homepage.univie.ac.at/daniel.buring/phpsite/content/allpapers.html#clefts>>. Acesso em: 8 jan. 2015.

GIVÓN, T. **English grammar: a function-based introduction**. Amsterdã: John Benjamins, 1993.

_____. The grammar of referential coherence as mental processing instructions. **Linguistics**, Antuérpia, v.30, n.1, p.5-55, 1992.

HALVORSEN, P. K. **The syntax and semantics of cleft constructions**. 99f. 1978. Tese (Doutorado) – Department of Linguistics, University of Texas, Austin, 1978.

HEIM, I.; KRATZER, A. **Semantics in generative grammar**. Oxford: Blackwell, 1998.

HORN, L. Metalinguistic negation and pragmatic ambiguity. **Language**, Washington, DC, v.61, n.1, p.121-174, 1985.

_____. Exhaustiveness and the semantics of clefts. In: BURKE, V. A.; PUSTEJOVSKY, J. (Eds.) **Proceedings of the Annual Meeting of the North-East Linguistic Society (NELS)**, vol.11. Amherst: University of Massachusetts, 1981. p.125-142.

KARTTUNEN, L.; PETERS, S. Conventional implicature. In: OH, C.-K.; DINNEEN, D. A. (Ed.). **Syntax and Semantics: Presupposition**. v.11. New York: Academic Press, 1979. p.1-56.

KENESEI, I. On the logic of word order in Hungarian. In: ABRAHAM, W.; MEY, S. (Ed.). **Topic, focus and configurationality**. Amsterdã: J. Benjamins, 1986. p.143-159.

KISS, K. É. Identificational focus and information focus. **Language**, Washington, v.74, n.2, p.245-273, 1998.

MENUZZI, S. M.; ROISENBERG, G. **A articulação informacional das clivadas e das pseudoclivadas**. Porto Alegre, RS, 2010a. Trabalho apresentado no Seminário de Teoria e Análise Linguística do PPGL/UFRGS.

_____. Tópicos contrastivos e contraste temático: um estudo do papel discursivo da articulação informacional. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.52, n.2, p.233-253, 2010b.

MENUZZI, S. M.; TEIXEIRA, M. T. **Há diferenças de “exaustividade” entre clivadas conclusivas e não-conclusivas?** Porto Alegre: Ed. da UFRGS. No prelo.

PRINCE, E. A comparison of WH-clefts and *It*-clefts in discourse. **Language**, Washington, v.54, n.4, p.883-906, 1978.

ROISENBERG, G.; MENUZZI, S. **Pressuposição, exaustividade, denegação nas clivadas**. Porto Alegre, RS, 2008. Trabalho apresentado no VIII Encontro do CELSUL.

ROOTH, M. A theory of focus interpretation. **Natural Language Semantics**, Dordrecht, v.1, n.1, p.75-116, 1992.

SZABOLCSI, A. All quantifiers are not equal: the case of focus. **Acta Linguistica Hungarica**, Dordrecht, v.42, p.171-187, 1994.

_____. The semantics of topic-focus articulation. In: GROENENDIJK, J.; JANSSEN, T.; STOKHOF, M. (Ed.). **Formal methods in the study of language**. Amsterdã: Matematicisch Centrum, 1981. p.513-541.

WEDGWOOD, D. **Shifting the focus**: from static structures to the dynamics of interpretation. Oxford: Elsevier, 2005.

WEDGWOOD, D.; PETHŐ, G; CANN, R. **Hungarian 'focus position' and English *It*-clefts**: the semantic underspecification of 'focus' readings. Edinburgo: University of Edinburgh, 2006. Trabalho manuscrito.

Recebido em agosto de 2013

Aprovado em janeiro de 2014

